

O FANTASMA

Obras do autor publicadas pela Editora Record

Headhunters
Sangue na neve

Série Harry Hole
O morcego
Baratas
Garganta vermelha
Casa da dor
A estrela do diabo
O redentor
Boneco de Neve
O leopardo
O fantasma

JO NESBØ O FANTASMA

Tradução de
KRISTIN GARRUBO

1ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2017

Parte Um

1

Os guinchos a chamavam. Como uma lança, transpassavam todos os outros sons noturnos do centro de Oslo: o barulho constante dos carros do lado de fora da janela, a sirene distante que aumentava e diminuía de intensidade e os sinos da igreja que, naquele momento, começaram a tocar ali perto. Ela saiu à caça de comida. Farejou o linóleo sujo da cozinha, rapidamente registrando e classificando os rastros em três categorias: comestíveis, ameaçadores ou irrelevantes para a sobrevivência. O cheiro acre de cinzas de cigarro. O aroma adocicado de sangue em um chumaço de algodão. O odor amargo de cerveja na parte de dentro da tampa de uma Ringnes. Moléculas de gás de enxofre, nitrato de potássio e dióxido de carbono eram liberadas de um cartucho Makarov 9 × 18 mm vazio, batizado em homenagem à pistola para a qual foi fabricado. A fumaça de um cigarro ainda aceso, com filtro amarelo e papel preto, ostentando a águia imperial russa. O tabaco era comestível. E, bem ali, um cheiro de álcool, couro, gordura e asfalto. Um sapato. Ela o farejou, constatando que não era tão facilmente comestível quanto a jaqueta dentro do armário, aquela que cheirava à gasolina e ao animal em decomposição de que fora feita. Então, o cérebro de roedor passou a se concentrar em como vencer o que estava obstruindo seu caminho. Ela havia tentado passar pelos dois lados, espremendo seu corpo de 25 centímetros e bem menos que meio quilo, mas não tinha conseguido. O obstáculo estava de lado no chão, com as costas na parede, obstruindo o buraco que levava ao ninho e a seus oito filhotes recém-nascidos, cegos e sem pelos, que guinchavam cada vez mais alto, chorando por seu leite. O amontoado de carne cheirava a sal, suor e sangue. Era um ser humano. Um ser

humano ainda vivo; seus ouvidos sensíveis eram capazes de captar os fracos batimentos cardíacos sob os uivos famintos dos filhotes.

Ela estava com medo, mas não tinha escolha. Alimentar sua prole era prioridade, estava acima de todos os perigos, todos os esforços, todos os instintos. Por isso, ela ficou parada com o focinho erguido, esperando encontrar uma solução.

Os sinos da igreja batiam no mesmo ritmo do coração humano. Uma batida, duas. Três, quatro...

Ela arreganhou os dentes de roedor.

Julho. Merda. Não se deve morrer em julho. Será que estou realmente ouvindo os sinos da igreja, ou tinha algum alucinógeno naquelas malditas balas? Está bem, então acaba aqui. Que diferença faz? Aqui ou ali. Agora ou depois. Mas eu realmente merecia morrer em julho? Com o canto dos passarinhos, o tilintar das garrafas, as risadas ecoando pelo rio Akerselva e a felicidade do verão espreitando do lado de fora da janela? Eu merecia ficar estirado no chão de um covil de viciados infestado de ratos, com um buraco no corpo de onde tudo se esvai: a vida, os segundos e as recordações de tudo que me trouxe até aqui? Todas as coisas, grandes e pequenas, as coincidências e as sequências de eventos. Será que sou eu? Será que é tudo? Será que é minha vida? Eu tinha planos, não? E agora não são nada além de pó, uma piada sem final, tão curta que eu teria tempo de contá-la antes desse maldito sino parar de tocar. Que inferno! Ninguém me contou que seria tão doloroso morrer. Você está aí, pai? Não vá embora, não agora. Escuta, a piada é assim: eu me chamo Gusto. Cheguei a completar 19 anos. Você foi um cara mau que comeu uma mulher má e nove meses depois eu saí de dentro dela e fui mandado para uma família adotiva antes de ter tempo de aprender a falar “papai”. E lá aprontei tudo o que pude. Eles só me envolviam ainda mais naquele cobertor sufocante de carinho e me perguntavam o que eu queria para ficar mais calmo. A porcaria de um sorvete? Eles não sabiam que gente como eu e você devia levar um tiro de uma vez, ser exterminada como praga; que gente assim provoca epidemias e espalha decadência e se multiplica como ratos. Eles são os únicos culpados. Mas eles também querem coisas. Todos querem alguma coisa. Eu tinha 13 anos quando vi pela primeira vez no olhar da minha mãe adotiva o que ela queria.

“Você é tão lindo, Gusto”, disse. Ela havia entrado no banheiro, e eu tinha deixado a porta aberta sem ligar o chuveiro para que o barulho não chamasse atenção dela. Ela ficou ali um segundo a mais antes de sair. E eu ri, pois agora eu sabia. É esse o meu dom, pai: consigo ver o que as pessoas querem. Será que herdei isso de você? Você também era assim? Depois que ela saiu, eu me olhei no grande espelho do banheiro. Ela não era a primeira a dizer aquilo, que eu era lindo. Eu me desenvolvi mais rápido que os outros meninos. Alto, esbelto, já musculoso e com ombros largos. Cabelos que brilhavam de tão negros; era como se toda luz refletisse neles. Maços do rosto salientes. Queixo largo, reto. Uma boca grande, voraz, com lábios carnudos como os de uma garota. Pele bronzeada, macia. Olhos castanhos, quase negros. “Rato-preto” foi como um dos meninos da sala me chamou. Didrik, acho que esse era o nome dele. Ele queria ser pianista. Pouco depois que completei 15 anos, ele disse em voz alta na sala de aula: “O rato-preto nem sabe ler direito.”

Eu ri, e é claro que eu sabia por que ele tinha dito aquilo. Sabia o que ele queria: Kamilla. Ele estava apaixonado por ela, e ela estava evidentemente apaixonada por mim. Na festa da turma, dei uma conferida no que havia embaixo da blusa dela. Não era grande coisa. Comentei aquilo com alguns colegas, e isso deve ter chegado aos ouvidos de Didrik, que resolveu me excluir do grupo. Não que eu me preocupe tanto em ser aceito, mas bullying era bullying. Por isso fui conversar com Tutu, do motoclub. Eu já havia vendido um pouco de maconha na escola algumas vezes a pedido dele, e deixei claro que precisava de respeito para fazer um bom trabalho. Tutu disse que cuidaria do assunto. Mais tarde, Didrik se recusou a explicar como tinha conseguido prender dois dedos na dobradiça da porta do banheiro masculino, mas nunca mais me chamou de rato-preto. E, isso mesmo, ele tampouco se tornou pianista. Caralho, isso dói muito! Não, não preciso de consolo, pai, preciso de uma solução. Só uma última dose, e aí vou deixar esse mundo sem incomodar ninguém, prometo. Lá está o sino tocando outra vez. Pai?

2

Era quase meia-noite no Gardermoen, o principal aeroporto de Oslo, quando o voo SK-459 vindo de Bangkok taxiou até o portão 46. O comandante Tord Schultz freou o Airbus A340 e, em seguida, cortou o fornecimento de combustível. O gemido metálico dos motores do avião transformou-se em um rosnado afável antes de cessar por completo. Tord Schultz automaticamente anotou o horário, três minutos e quarenta segundos após a aterrissagem, doze minutos antes do horário previsto. Ele e o copiloto começaram a seguir os procedimentos para desligar toda a aeronave, uma vez que ela permaneceria ali durante a noite. Com a mercadoria. Ele abriu a pasta com o registro de voo. Setembro de 2011. Bangkok ainda estava na estação chuvosa e, como de costume, fazia um calor escaldante lá. Schultz sentia saudades de casa, aguardava ansiosamente as primeiras noites frescas de outono. Oslo em setembro. Não havia lugar melhor no mundo. Ele preencheu o formulário, anotando o quanto de combustível ainda restava no avião. O gasto de combustível. Já tivera de dar explicações por causa disso. Ao voltar de Amsterdã ou Madri, tinha voado mais rápido do que era sensato do ponto de vista financeiro, queimando milhares de coroas de combustível para chegar no horário. Seu chefe lhe deu uma bronca.

— Chegar a tempo para quê? — berrou ele. — Nenhum passageiro seu ia pegar voo de conexão!

— A companhia aérea mais pontual do mundo — murmurou Tord Schultz, citando a propaganda.

— A companhia aérea mais fodida de dinheiro do mundo! Essa é a melhor resposta que pode me dar?

Tord Schultz deu de ombros. Afinal, não podia dizer a verdade, que tinha aberto as válvulas de combustível porque ele mesmo estava com pressa. Tinha sido escalado para um voo para Bergen, Trondheim ou Stavanger. Era extremamente importante que *ele*, e não qualquer um dos outros pilotos, fizesse aquela viagem.

Já havia chegado a uma idade em que seu chefe não podia fazer nada com ele além de esbravejar. Tord procurava não cometer erros graves, o sindicato cuidava para que ele não fosse demitido, e só faltavam alguns poucos anos para chegar aos 55, o *número mágico*, a idade da aposentadoria. Suspirou. Restavam poucos anos para ele não acabar como o piloto de avião mais fodido de dinheiro do mundo.

Tord assinou o registro de voo, levantou-se e saiu da cabine para exhibir aos passageiros seus dentes branquíssimos no rosto bronzeado de piloto. O sorriso que diria a todos que ele era a confiança em pessoa. O piloto. O cargo que lhe conferia prestígio aos olhos dos outros. Já havia observado como as pessoas, mulheres e homens, jovens e velhos, automaticamente o olhavam de forma diferente logo que a palavra mágica “piloto” era pronunciada. Viam nele o carisma, o charme despreocupado e juvenil, mas também a fria precisão e o pulso firme de um comandante de aeronave, o intelecto superior e a coragem daquele que desafiava as leis da física e os medos inatos das pessoas comuns. Mas isso já fazia muito tempo. Agora o viam como o mero motorista que ele era e perguntavam quanto custavam as passagens mais baratas para Las Palmas e por que havia mais espaço para esticar as pernas na Lufthansa.

Que vão para o inferno. Todos eles.

Tord Schultz se posicionou perto da saída, ao lado das aeromoças, empertigou-se e sorriu, pronunciando “*Bem-vinda, senhorita*” com seu inglês de sotaque texano arrastado que aprendera na escola de aviação de Sheppard. Recebeu um sorriso em troca. Houve uma época em que um sorriso daqueles poderia lhe render um encontro no saguão de desembarque. De fato, isso já havia acontecido. Depois de uma viagem da Cidade do Cabo a Alta. Mulheres. Esse tinha sido o problema. E a solução. Mulheres. Mais mulheres. Novas mulheres. E agora? A calvície aumentava debaixo do quepe, mas o uniforme feito sob medida acentuava seus ombros largos e a estatura alta. Foi na

altura que ele pôs a culpa quando não foi aceito como piloto de caça na escola de aviação, acabando como piloto do Hércules, o burro de carga dos céus. Ele tinha dito à família que sua coluna excedia alguns centímetros, que as cabines do F-5 e do F-16 desqualificavam todos, menos os anões. A verdade era que sua altura não se comparava à de seus concorrentes. O corpo foi a única coisa que ele conseguiu manter desde aquela época, a única coisa que não tinha sido arruinada. Ao contrário dos casamentos. Da família. Dos amigos. Onde ele estava quando isso aconteceu? Provavelmente em um quarto de hotel na Cidade do Cabo ou Alta, com cocaína no nariz para compensar os drinques que tinham tomado no bar e que o deixaram impotente e com o pau em uma “*senhorita bem-vinda*” para compensar tudo que ele não era nem nunca seria.

O olhar de Tord Schultz voltou-se para um homem que vinha em sua direção entre as fileiras de assentos. Ele andava de cabeça baixa, mas ainda assim se destacava entre os outros passageiros. Era esguio e tinha ombros largos, assim como Tord. No entanto, era mais novo. Cabelos loiros e curtos se assentavam em sua cabeça como cerdas de uma escova. Parecia norueguês, mas dificilmente era um turista voltando para casa. Mais provável que fosse um expatriado com a pele bem bronzeada, quase cinzenta, típica das pessoas brancas que passaram muito tempo no sudeste da Ásia. O terno marrom de linho, sem dúvida feito sob medida, dava-lhe a impressão de seriedade. Talvez fosse um homem de negócios. Talvez de negócios nem tão prósperos assim; afinal, estava viajando na classe econômica. Mas não foi o terno nem a altura que fizeram o olhar de Tord Schultz se deter naquele homem. Foi a cicatriz. Ia do canto esquerdo da boca quase até a orelha, como uma foice ou um sorriso. Grotesca e maravilhosamente dramática.

— *See you* — disse o passageiro.

Tord Schultz sobressaltou-se, mas não teve tempo de retribuir a saudação antes de o homem sair do avião. A voz tinha sido áspera e rouca, os olhos vermelhos também indicavam que ele havia acabado de acordar.

O avião estava vazio. A van com a equipe de limpeza já estava estacionada na pista quando a tripulação deixou a aeronave. Tord Schultz observou que o russo baixo e forte foi o primeiro a sair da van.

Viu-o subir a escada com o colete refletivo amarelo com o logotipo da empresa. Solox.

See you.

O cérebro de Tord Schultz repetia as palavras enquanto ele seguia a passos largos pelo corredor em direção à sala da tripulação.

— Você não tinha uma frasqueira em cima dessa mala aí? — perguntou uma das comissárias, apontando para a mala de rodinhas Samsonite de Tord. Ele não lembrava o nome dela. Mia? Maja? De qualquer forma, tinha transado com ela em alguma escala no século passado. Ou será que não?

— Não — respondeu Tord Schultz.

See you. No sentido de “até logo”?

Passaram pela divisória em frente à entrada da sala da tripulação, onde, teoricamente, um funcionário da alfândega poderia aparecer a qualquer momento, feito o boneco que salta de uma caixa-surpresa. Noventa e nove por cento do tempo, a cadeira atrás da divisória estava vazia, e ele nunca, nem uma única vez ao longo dos trinta anos em que trabalhava na companhia aérea, foi parado e revistado.

See you.

No sentido de “estou de olho em você”.

Tord Schultz se apressou para entrar na sala da tripulação.

Como de costume, Sergey Ivanov tratou de ser o primeiro a sair da van logo que o veículo parou na pista ao lado do Airbus e subiu correndo a escada da aeronave vazia. Ele levou o aspirador para dentro da cabine e trancou a porta. Vestiu as luvas de látex, puxando-as até o ponto onde começavam as tatuagens, tirou a tampa do aspirador e abriu o armário do comandante. Tirou dele a pequena frasqueira da Samsonite, abriu o zíper, removeu a placa de metal no fundo e viu que os quatro blocos, que pareciam tijolos e pesavam um quilo cada, estavam ali. Em seguida, colocou a frasqueira dentro do aspirador, enfiando-a entre a mangueira e o grande saco de pó, que ele tivera o cuidado de esvaziar pouco antes. Fechou a tampa outra vez, destrancou a porta da cabine e ligou o aparelho. Tudo levou apenas alguns segundos.

Depois de terem arrumado e limpado a cabine de passageiros, os funcionários saíram sem pressa da aeronave, guardaram os sacos de

lixo azul-claros no porta-malas do Daihatsu e voltaram para a sala dos funcionários. Só alguns poucos aviões ainda pousariam e decolariam antes de o aeroporto fechar para a noite. Ivanov olhou por sobre o ombro de Jenny, a encarregada de plantão. Deu uma conferida na tela do computador, que mostrava as chegadas e partidas. Nenhum atraso.

— Vou pegar o voo de Bergen no 28 — disse ele com seu forte sotaque russo.

Pelo menos ele falava a língua local; conhecia alguns russos que tinham morado na Noruega durante dez anos e ainda precisavam recorrer ao inglês. Aliás, quando Sergey foi transferido para Oslo, há quase dois anos, seu tio deixou claro que ele deveria aprender norueguês e o consolou dizendo que talvez tivesse herdado algo de seu próprio dom para idiomas.

— Já tenho gente no 28 — retrucou Jenny. — Você pode esperar o de Trondheim no 22.

— Vou pegar o de Bergen — disse Sergey. — Nick pega o de Trondheim. Jenny olhou para ele.

— Como quiser. Não se mate de trabalhar, Sergey.

O jovem russo sentou-se em uma das cadeiras ao longo da parede, encostando-se com cuidado no espaldar. A pele ainda estava dolorida entre as escápulas, onde o tatuador norueguês havia feito seu trabalho. Sergey tinha recebido os desenhos de Imre, o tatuador da prisão de Nizhny Tagil, e ainda faltava uma boa parte para a tatuagem ficar pronta. Ele pensou nas de Andrey e Peter, os capangas de seu tio. Os traços azuis desbotados na pele dos dois cossacos de Altai contavam as histórias de vida deles, cheias de drama e grandes feitos. Mas Sergey também tinha uma proeza da qual se gabar. Um assassinato. Sem muita importância, mas estava sendo gravado em sua pele com agulha e tinta na forma de um anjo. E talvez houvesse outro assassinato. Um grande dessa vez. Se *o necessário* de fato se tornasse necessário, dizia seu tio, alertando-o para que ficasse de prontidão e praticasse com a faca. Ele tinha dito que um homem estava a caminho. Não era certo, mas muito provável.

Provável.

Sergey Ivanov olhou para as próprias mãos. Ainda usava as luvas de látex. Evidentemente, era uma coincidência feliz que seu uniforme

de trabalho também garantisse que suas impressões digitais não ficassem nos pacotes, se algo um dia desse errado. Não havia qualquer sinal de tremor nas mãos. Fazia aquilo havia tanto tempo que, de vez em quando, precisava lembrar a si mesmo do risco para se manter alerta. Esperava que as mãos não tremessem quando precisasse fazer o *necessário* — *chto nuzhno*. Então ele se tornaria merecedor da tatuagem cujo desenho já estava encomendado. Evocou a imagem mais uma vez: desabotoaria a camisa na sala de casa, em Tagil, com todos os irmãos *urka* presentes, e mostraria a eles as novas tatuagens. Não precisariam de qualquer acréscimo, de qualquer comentário. Ele não diria nada. Somente veria nos olhos de todos que ele não era mais o pequeno Sergey. Durante semanas ele pedira em suas orações noturnas que o tal homem viesse logo. E que o *necessário* se fizesse necessário.

O chamado para que a equipe de limpeza seguisse para o voo de Bergen crepitava no walkie-talkie.

Sergey se levantou. Bocejou.

O procedimento na segunda cabine era ainda mais simples.

Abrir o aspirador de pó, transferir a maleta para o armário do piloto.

A equipe de limpeza saiu do avião no instante em que a tripulação começava a embarcar. Sergey Ivanov evitou o olhar do piloto; manteve os olhos no chão, notando que ele tinha uma mala de rodinhas parecida com a de Schultz. Uma Samsonite Aspire GRT. A mesma cor vermelha. Mas sem a pequena frasqueira presa na parte superior. Não sabiam nada um sobre o outro, nada sobre quais eram os motivos de seu envolvimento, nada sobre sua origem ou família. A única coisa que ligava Sergey a Schultz e àquele jovem copiloto eram os números de telefone em seus celulares sem registro, comprados na Tailândia, para trocarem mensagens caso os planos mudassem. Sergey duvidava de que Schultz e o jovem copiloto soubessem do envolvimento um do outro. Andrey fazia questão de restringir toda a informação, divulgando apenas o estritamente necessário. Por isso, Sergey não sabia o que acontecia com os pacotes. Mas podia adivinhar. Quando um voo doméstico entre Oslo e Bergen pousava no aeroporto, não havia alfândega nenhuma, nenhum controle de segurança. Em Bergen, o piloto levava a frasqueira para o hotel onde a tripulação pernoitava. Uma

batida discreta à porta do quarto no meio da noite, e quatro quilos de heroína mudavam de mãos. Mesmo que a nova droga, violino, tivesse provocado uma ligeira queda no preço da heroína, o preço pago nas ruas por uma dose era de, no mínimo, 250 coroas. Mil coroas por grama. Como a droga, já diluída, passaria por esse processo mais uma vez, isso daria um total de 8 milhões de coroas. Ele sabia fazer contas. O suficiente para ter certeza de que era mal pago. Mas Sergey também sabia que seria merecedor de uma fatia maior do bolo depois de fazer o *necessário*. E, com o novo salário, dali a uns dois anos, poderia comprar uma casa em Tagil, arranjar uma bela moça siberiana e talvez deixar a mãe e o pai morarem com eles na velhice.

Sergey Ivanov sentiu a tatuagem coçar nas costas.

Era como se até sua pele aguardasse com ansiedade o próximo capítulo.